

2

Início da reflexão sobre a poesia

O fato de escrever poemas sempre fascinou e intrigou Octavio Paz. Ainda criança, ele escreveu seus primeiros versos mesmo sem compreender o que o motivava a escrever. Logo em seguida, começou a se questionar a respeito dessa tarefa, ao mesmo tempo enigmática e cotidiana. A partir daí, a *criação da poesia* e a *reflexão sobre a poesia* passaram a ser suas eternas companheiras. Desde então, poesia e reflexão nunca mais se separaram para Octavio Paz, mesmo que alternasse a harmonia e a discórdia na ligação íntima de ambas as iniciativas.

Acreditamos que um momento importante - que permitiu expandir o desvelamento dessa tensa relação, de amor e ódio, discórdia e harmonia, entre criação e reflexão - foi o momento de escrita de *Poesia de solidão e poesia de comunhão*¹. Nesse período, a questão do conflito entre poesia e pensamento atingiu seu momento de tensão mais vigoroso permitindo, dessa forma, enxergar com mais clareza a atração e a repulsa, o abismo e a proximidade, entre ambas atividades, na sua mais completa nudez. Esse sentimento de aflição tornou favorável o momento para uma eloquência impetuosa, acompanhada de um arrebatamento dos afetos e das paixões, tão presente em *Poesia de solidão e poesia de comunhão*.

Muitos foram os acontecimentos que o levaram a esse grande conflito interior que o levou a escrever um ensaio com tanta veemência como *Poesia de solidão e poesia de comunhão*. Todos eles baseados em uma questão que Octavio Paz carregava desde criança de forma um tanto não manifesta por conta da convivência ainda "amigável" entre as oposições.

Na sua adolescência esse diálogo amistoso se transformou em um combate apaixonado entre os termos conflituosos. Principalmente, o diálogo entre *revelação* e *revolução*, por conta da maior proximidade do poeta mexicano com as questões políticas. O significado dos dois termos sofreu um deslocamento. A palavra *revolução*, de origem astronômica, estava ligada, principalmente, às convulsões e às esperanças da história que ele vivia. Já a *revelação*, palavra de

¹ * "Poesía de soledad y poesía de comunión".

origem religiosa, designava a conversão secreta e privada do poeta com a linguagem e consigo mesmo. E assim, acrescentou-se mais uma controvérsia para as suas reflexões: "arte revolucionária" ou "arte pura"?

Por um lado, Octavio Paz, admirava os poetas da geração anterior, o grupo da revista *Contemporáneos*, defensores da "poesia pura". Por outro lado, ele sentia a nostalgia pela arte das grandes épocas que identificava, por influência de suas leituras alemãs, com uma arte e uma poesia integradas na sociedade como, por exemplo, a *polis* clássica.

Pouco a pouco, seu desejo juvenil por uma poesia revolucionária que tivesse a excelência da qual escreviam os "poetas puros" foi perdendo força. O dogma "realismo socialista" nunca foi aceito por ele e, ao mesmo tempo, foi crescendo a sua insatisfação com relação à "poesia pura", em suas distintas manifestações. Suas esperanças em relação à possibilidade de síntese entre *revolução* e *revelação* se desvaneceram, e essa questão, antes apaixonada como um amor adolescente, atingiu um estado de exagerado tormento que tornou urgente a tentativa de colocar em ordem essas idéias e sentimentos conflitantes, opostos e angustiantes.

Em 1942, Octavio Paz participou de um ciclo de conferências destinadas a comemorar o quarto centenário do nascimento de São João da Cruz ². Dessa conferência nasceria o seu ensaio, de 1943, conhecido como *Poesia de solidão e poesia de comunhão*, no qual relativiza as atitudes de dois grandes poetas: São João da Cruz e Francisco Quevedo. Na busca de compreensão desses dois grandes poetas que ele representa como as duas faces da alma espanhola, Octavio Paz acaba encontrando uma maneira de organizar aquelas idéias e sentimentos descontraídos que tiravam o seu sossego. Com esse ensaio, ele não conseguiu encontrar uma solução definitiva para aquilo que o inquietava, no entanto, a ponderação que realizou para escrever esse texto abriu, de certa forma, uma grande clareira para aquilo que o perturbava. Acreditamos que, mesmo sem ter clareza, naquele momento, ele definiu em *Poesia de solidão e poesia de comunhão*, a matriz que atravessa toda a sua obra: *a dialética da solidão (e da comunhão)*.

² * "San Juan de la Cruz."

2.1. Poesia de solidão e poesia de comunhão

Na "Advertência à primeira edição" de *O arco e a lira*, Paz menciona que seu livro surgiu da sua participação na série de conferências organizadas por José Bergamín, citada acima. Naquela época, motivado a refletir sobre a poesia, Paz escreve seu ensaio *Poesia de solidão e poesia de comunhão*, o qual antecipa muitas das preocupações expressas em *O arco e a lira*, como fica claro na "Advertência".

2.1.1 Elaboração do ensaio

No desenvolvimento do seu pensamento, Paz cita São João da Cruz, justapondo-o a Francisco Quevedo, como se eles representassem as duas faces da alma espanhola. Em São João da Cruz, Paz percebe o poeta que não é capaz de explicar seu estado místico de comunhão em que ele próprio se encontra. Já Quevedo revela o contrário: o poeta cuja expressão sempre caminha para uma lúcida consciência. Esse dois poetas paradigmáticos são utilizados como princípios fundadores para a discussão, na qual fica claro, que Paz procura estabelecer uma espécie de equilíbrio entre os dois; num movimento dialético a fim de se apresentar como mediador.

Poesia de solidão e poesia de comunhão é fruto das reflexões feitas por Octavio Paz para a elaboração de sua conferência em homenagem a São João da Cruz, em 1942. A ocasião lhe abriu caminhos reflexivos os quais ele aproveitou para, em um ensaio, por em ordem aqueles sentimentos e idéias desconstruídos da sua juventude. Seu ensaio foi publicado no número cinco da revista *El Hijo Pródigo*. Com um fervor e entusiasmo, cuja veemência, ele mais tarde, provavelmente, questionaria, mas que não reprovava inteiramente, Octavio Paz descreveu, em *Poesia de solidão e poesia de comunhão*, a ânsia de comunhão que anima todo verdadeiro poeta como um

... apetite que quer ser, ser até o limite e muito além do limite do ser, fome de eternidade e de espaço, sede que não cessa mesmo diante da queda... [...]. Fome

de vida, sim, mas também de morte. [...] Os poetas foram os primeiros a revelar que a eternidade e o absoluto não estão muito além de nossos sentidos e sim em nós mesmos.³

Nas sociedades antigas, a distância entre as crenças coletivas e a individual do poeta era muitíssimo menor que na sociedade moderna. À medida que a sociedade se individualizou na modernidade, a cisão se ampliou e se tornou abismal: a poesia deixa de ser comunhão e se converte em perturbadora consciência de si, em solidão e, ao final, em rebelião.

Esta idéia, presente em *Poesia de solidão e poesia de comunhão*, não era inteiramente falsa, embora demasiadamente taxativa e simplista. É compreensível que Octavio Paz estivesse dividido por dentro e projetasse esse conflito interior na oposição, um tanto quanto reduzida, entre solidão e comunhão.

Nessa época, ele lia com muito entusiasmo São João da Cruz e Francisco Quevedo, sem dúvida como oposição ao culto praticado a Gongóra pela geração anterior. Ele escolheu os dois poetas como emblemas dos dois pólos da poesia: a solidão e a comunhão. Forçando um pouco a realidade histórica, por ter esquecido o caráter da Espanha do século XVI, ele disse, em seu ensaio, que no seio dessa sociedade na qual, talvez pela última vez na história,

... a chama da religiosidade pessoal pôde se alimentar da religião da sociedade, São João da Cruz realiza a mais alta e plena das experiências: a da comunhão. Um pouco mais tarde essa comunhão será impossível.⁴

No outro extremo: Quevedo. Em um poema até hoje pouco estudado, *Lgrimas de um penitente*, Quevedo expõe uma situação que será mais e mais a dos poetas modernos, com umas tantas exceções, como as de Victor Hugo e Walt Whitman. Esta situação pode se definir, brevemente assim:

³ "... apetito que quiere ser, ser hasta el límite y más allá del límite del ser, hambre de eternidad y de espacio, sed que no retrocede ante la caída... [...]Hambre de vida, sí, pero también de muerte. [...] Los poetas han sido los primeros que han revelado que la eternidad y lo absoluto no están más allá de nuestros sentidos sino en ellos mismos." em: PAZ, Octavio. *Las peras del olmo* (Barcelona: Seix Barral, 1974), p. 101. "Poesía de soledad y poesía de comunión" Tradução por Fabio Neves.

⁴ "... la llama de la religiosidad personal pudo alimentarse de la religión de la sociedad, San Juan realiza la más intensa y plena de las experiencias: la de la comunión. Un poco más tarde esa comunión será imposible." em: PAZ, Octavio. *Las peras del olmo* (Barcelona: Seix Barral, 1974), p. 102-103. "Poesía de soledad y poesía de comunión" Tradução por Fabio Neves.

Entre a poesia e o poeta, entre Deus e o homem, se opõe algo muito sutil e muito poderoso: a consciência, e o que é mais significativo: a consciência da consciência, o narcisismo intelectual. Quevedo expressa este estado demoníaco em dois versos:

... as águas do abismo
onde eu me apaixonava por mim mesmo."⁵

A primeira edição de *Lgrimas de um penitente* é de Luis Astrana Marín de 1932. Enquanto alguns editores contemporâneos questionem a validade de *Lgrimas de um penitente* e preferam utilizar uma edição anterior do mesmo poema: *Heráclito cristiano e segunda harpa a imitación de David*, nós concordamos com a posição de Mónica Varela⁶, que fez um estudo comparativo entre as duas edições do poema. Octavio Paz, provavelmente, endossaria a nossa posição, já que ele utilizou *Lgrimas de um penitente* em seu ensaio, dando mais valor a edição posterior do mesmo poema por ele oferecer diversas vantagens. Em primeiro lugar, *Lgrimas de um penitente* é uma versão corrigida pelo mesmo Quevedo de *Heráclito cristiano*: por que dar mais valor a forma do poema em detrimento do poeta que a criou? Acreditamos e acrescentamos que, em geral, essas correções podem melhorar os poemas. Afinal, o conjunto de poemas que compõem *Lgrimas de um penitente* é mais solto e puro, possui maior unidade do que *Heráclito cristiano*. E, a última vantagem, é decisiva: o *Heráclito cristiano* é uma coleção de poemas soltos, sem ordem visível e unidos apenas pelo tema. Já *Lgrimas de um penitente* contém onze poemas a menos e que estão dispostos não como o desamarrado *Heráclito cristiano*, mas sim revelando certa intenção.

O poema se inicia com um movimento descendente em direção ao abismo da própria consciência, seguido pelo movimento contrário, muito menos convincente, de ascensão e reconciliação com a divindade. Quevedo não era místico nem festejava o casamento da alma com Deus, pelo contrário, destacava a precariedade dessa possível união. A morte o atraía e seus melhores poemas, tanto os metafísicos quanto os eróticos, se alimentam de sua exagerada e lúcida

⁵ Entre la poesía y el poeta, entre Dios y el hombre, se opone algo muy sutil y muy poderoso: la conciencia, y lo que es más significativo: la conciencia de la conciencia, el narcisismo intelectual. Quevedo expresa este estado demoníaco en dos versos: *Las aguas del abismo / donde me enamoraba de mí mismo.* em: PAZ, Octavio. *Las peras del olmo* (Barcelona: Seix Barral, 1974), p. 103. "Poesía de soledad y poesía de comunión" Tradução por Fabio Neves.

⁶ VARELA, Mónica Inés. *Heráclito cristiano y Lágrimas de un penitente: el problema textual.* Revista de Filología Hispánica (RILCE), v.11, n.2, p. 293-315, Jul./dez. 1995.

consciência da separação.

A extraordinária novidade deste poema - lembrando da data em que foi escrito: 1613 - não foi suficientemente advertida pela crítica. No entanto, em 1943, Octavio Paz escreveu que *Lgrimas de um penitente* é

...provavelmente o único poema 'moderno' da literatura espanhola até Ruben Darío. Existem, lógico, poemas melhores em nossa língua [...], mas em nenhum outro aparece esta observação que antecipa Baudelaire e que consiste nesse reconhecer-se na queda [...]⁷

A modernidade de Quevedo não está em sua admirável retórica, mas sim em sua dramática consciência da queda e da impossibilidade de redenção. Seu estoicismo cristão é uma forma intelectual do desespero. Seu conceitualismo, a expressão estética do mesmo sentimento. O estoicismo de Quevedo se transformará na idade moderna, sucessivamente, em angústia, medo, ruptura, blasfêmia, rebeldia e, às vezes (muito poucas vezes), como em Eliot, em reconciliação. Mas não é verdade que os poemas de Eliot, assim como os de todos os modernos, nos impressionam não pelo que dizem da comunhão com Deus, mas sim, pela consciência da separação? A negatividade é um dos traços da poesia moderna.

2.1.2. Análise do ensaio

A maioria dos termos que Paz utiliza em seus ensaios sobre poesia e poética - não só em *O arco e a lira*, mas também em *Signos em rotação*, *Os filhos do barro* e *A outra voz* - aparecem pela primeira vez, portanto, em *Poesia de solidão e poesia de comunhão*. Realidade, desejo e conhecimento são vistos nesse ensaio tanto em comentários sobre as experiências em geral como nas experiências poéticas.

Octavio Paz inicia *Poesia de solidão e poesia de comunhão* reduzindo as inúmeras e variadas posturas do homem frente à realidade em duas atitudes. A primeira, de adoração, se manifesta na religião pois encarna a eternidade da

⁷ "...posiblemente el único poema "moderno" de la literatura española hasta Rubén Darío. Hay, sí, otros poemas mejores en nuestra lengua [...] pero en ninguno alienta esta nota, que anticipa a Baudelaire y que consiste en ese saberse en el mal [...]" em: PAZ, Octavio. *Las peras del olmo* (Barcelona: Seix Barral, 1974), p. 104. "Poesía de soledad y poesía de comunión" Tradução por Fabio Neves.

sociedade ao tornar sobrenatural o vínculo social. A segunda atitude, de poder, se manifesta na magia, a qual prefigura o progresso, a moral individual, a história, tudo que chamamos de avanços da humanidade.

O argumento de Paz caminha por meio de oposições dialéticas do que seja a realidade: ele começa *Poesia de solidão e poesia de comunhão* isolando a realidade e relacionando-a com o conhecimento. A realidade em sua totalidade é apreendida apenas parcialmente pelo conhecimento, que tenta dominá-la por meio da técnica (*techné*). Uma das formas supremas do conhecimento, diz Paz, é o conhecimento filosófico, o qual procura expressar o desejo de conhecimento do homem. Mas esta sede de conhecimento conduz a um processo de dominação e subjugação, cujo emblema é o dos magos. Todo conhecimento, Paz explica, mesmo o conhecimento desinteressado, nasce de um desejo de submeter a natureza e a realidade ao entendimento.

Paz apresenta uma segunda atitude como o outro lado da dialética do desejo de conhecimento e poder que ele vê no mago. Essa segunda atitude não tem utilidade prática, nem é transcendental, pois é pura experiência. Nessa segunda atitude, aqueles que contemplam a natureza e a realidade não buscam o conhecimento nem a dominação, pelo contrário, observam a realidade buscando o esquecimento e se unem à realidade através da contemplação. Mas essa atitude nasceu do medo e termina tornando artificiais a realidade e a natureza: "O medo frente à realidade o leva a divinizá-la, a fascinação e o horror o impulsionam a se fundir com seu objeto."⁸ Sua raiz é o amor, mas sua manifestação é religiosa. Suas encarnações mais visíveis podem ser encontradas na magia - como *techné*, examinada acima, como um meio de submeter a realidade ao poder - e na religião - como um modo de fusão com a realidade.

Ao estabelecer os parâmetros para o conhecimento desta maneira, Paz se pergunta se a poesia pertence a uma ou a outra atitude, e é a partir dessa questão que Paz compõe o resto de seu ensaio. Do ponto de vista do poema, a poesia não é nem religião nem magia. Mas o espírito que manifesta a poesia pode vir de um instinto no qual podem participar também o impulso da magia e da religião. Por seu desejo em estabelecer um diálogo com o mundo, o poeta lírico adota uma das

⁸ "El miedo a la realidad lo lleva a divinizarla; la fascinación y el horror lo mueven a fundirse con su objeto" em: PAZ, Octavio. *Obras completas 13. Miscelánea I*. (Barcelona: Fondo de Cultura Económica, 1999), p. 234-245. "Poesía de soledad y poesía de comunión" 1943. Tradução por Fabio Neves.

duas posturas fundamentais: a solidão ou a comunhão. Apesar do poeta ser um mago das palavras, ele não pretende utilizar essa magia, mas sim ter o domínio dela. E nesse sentido, ele se aproxima do místico. Mas se o poeta é parte mago, se ele se utiliza do espírito do mago ao usar as palavras como magia, sua atitude em relação à religião não é menos herética. A expressão poética, explica Paz, cria uma ordem fora de si mesma e de suas próprias leis. O poeta procura sacralizar a realidade ao criar uma poesia, quer seja de solidão ou de comunhão, que é, ao mesmo tempo, prece e blasfêmia. A poesia - nascida da solidão ou da comunhão - torna-se uma realidade própria, uma entidade que comunga tanto magia como religiosidade. Uma vez que ela acolhe as oposições dialéticas que Paz demonstra na dupla atitude do homem diante da realidade, a poesia se torna o paradigma essencial para todos os modos de comunicação, portanto, possuindo todas as formas da autenticidade.

Ao analisar a poesia barroca espanhola, Paz caminha para uma discussão geral da tradição hermética do Romantismo - uma tradição que inclui Blake, Novalis, Nerval, Lautréamont e Poe. Paz vê nessa tradição a chave para a experiência moderna: o desejo de uma reconciliação com a realidade no futuro que também é nostalgia de uma unidade anterior, um estado de ser antes da queda. Para Paz, um dos paradoxos da modernidade é que desejar um mundo futuro significa também lembrar sua existência primeva.

A busca solitária daqueles sonhadores românticos é a sua pretensão por uma comunhão entre conhecimento e a realidade. A busca deles é parecida com a busca de Paz: a tentativa de articulação e reencontro dos opostos na tensão, como consciência e inocência, experiência e expressão, o gesto e a palavra que o revela. Relacionando esta tradição do Romantismo ao seu argumento, Paz mostra a verdadeira complexidade do seu pensamento sobre a poética. Aquilo que está por trás da consideração de Paz é ainda outro par dialético, aquele da poesia e filosofia. E o que ele pretende é, nada mais nada menos, do que estabelecer a supremacia da poesia - mesmo como um epifania, quase um ato irracional - em termos de pensamento filosófico.

Até o final do seu ensaio, fica evidente que a tradição com a qual Paz se identifica não pertence nem à poesia de solidão nem à poesia de comunhão, mas acolhe ambas, e dessa forma, encontra uma espécie de "equilíbrio" na tensão dos termos da oposição.

Um ensaio que a princípio seria um comentário sobre o poeta místico espanhol, São João da Cruz, se torna um exercício de poética que traz à tona termos que irão continuamente acompanhar Paz. *Poesia de solidão e poesia de comunhão* é um dos textos fundamentais no desenvolvimento de Paz. Na verdade, é a semente principal, a partir da qual, seus trabalhos ensaísticos mais importantes sobre poética irão germinar.